

SAUDADE

PRIMAVERA- 2015



PHOTO BY MARIA V. PAREDES

Online:

<https://sites.sas.upenn.edu/saudade>

SAUDADES

University of Pennsylvania
Department of Romance Languages
521 Williams Hall
255 S. 36th Street
Philadelphia, PA 19104-6305

Editor:

Professor Mércia Flannery

Design Editor:

Maria V. Paredes

Acknowledgments:

Camila Emídio
Mariano Gomes

*Esse projeto foi financiado com o auxílio de uma Bolsa de Pesquisa do PLC- Penn Language Center- University of Pennsylvania, e com uma Bolsa de incentivo à Pesquisa da School of Arts and Sciences- University of Pennsylvania

SAUDADE

A revista de Língua Portuguesa da Universidade da Pensilvânia

VOL.3 PRIMAVERA- 2015

MISSÃO

O objetivo desta revista é publicar o trabalho de estudantes de língua portuguesa, de modo a criar ou a viabilizar uma comunidade entre eles. A gênese da publicação foi o próprio interesse dos estudantes da Universidade da Pensilvânia. Desse modo, este projeto tem a intenção de promover e disponibilizar o texto produzido por estudantes, tornando-os acessíveis a um público mais amplo. Esperamos que esta revista venha a incluir, no futuro, trabalhos de estudantes de outras instituições. Trata-se de uma contribuição tanto ao ensino de português como língua estrangeira, como uma tentativa de fortalecer os laços entre a comunidade dos estudantes de língua portuguesa.

O título da revista foi, também, sugestão dos alunos. Aqueles familiarizados com a língua portuguesa e cultura lusófona preferem acreditar ser a "Saudade" um sentimento eminentemente luso. Gostamos de acreditar que nem "nostalgia", nem desejo pelo passado conseguem transmitir a noção expressa em "saudade" e, em nome dessa singularidade, que é, ao mesmo tempo uma marca da pluralidade de culturas e de povos de língua portuguesa, decidimo-nos por este título.

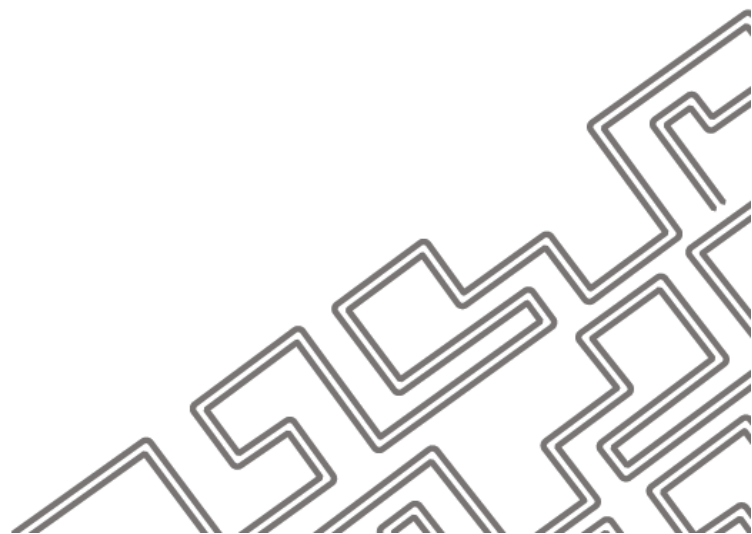
Este volume contém uma entrevista com Mariano Gomes, estudante da Guiné-Bissau em Penn, um trabalho sobre os espetáculos mambembes de Ross Karlan e uma poesia de Rachael Pasierowska, estudante de pós-graduação em Rice University.

Esperamos que este projeto cresça e dê frutos. À medida que forem publicados aqui os trabalhos dos estudantes, esperamos que a expressão da sua criatividade e talento e o interesse e dedicação pela língua portuguesa seja contagiante.

Mércia Flannery
Editora

SUMÁRIO CONTOS

1. Uma entrevista com Mariano Gomes5
2. Bye bye Brasil e a cultura mambembe • *Ross Karlan*.....14
3. Sensações da escravidão • *Rachel Pasierowska*.....17



UMA ENTREVISTA COM MARIANO GOMES

ENTREVISTADORA MÉRCIA FLANNERY

Mariano, um estudante em Penn, nos conta sobre seu país, a Guiné-Bissau, a história, a educação e do que sente mais saudade

Mércia Flannery: **A primeira coisa que eu gostaria de saber é um pouco sobre você. Então eu queria que você me falasse sobre você, sobre a sua história. Como é que você veio aqui para os Estados Unidos. Um pouco sobre isso.**

Mariano Gomes: Bem, eu sou da Guiné-Bissau. Nasci numa pequena vila chamada Calequisse, no norte da Guiné-Bissau. E, quando eu nasci perdi o meu pai com 21 meses de idade logo, não é?

Mércia: Foi mesmo?

Mariano: É. Então era muito difícil para a minha mãe sobreviver conosco, não é? E ela teve que voltar a viver com/porque nós lá na Guiné ainda temos esta tradição, acho que é muito comum em muitos países africanos. A mulher sai da casa e vai na casa do marido para o casamento. Porque aí se faz esse casamento tradicional, não é?

Agora muito pouco, não é, mas há pessoas ainda que continuam a fazê-lo. Então, quando o meu pai faleceu era o último, não é? Na sua, na sua família. E não tinha mais ninguém na casa e a minha mãe resolveu voltar para a casa dela. Dos pais, não é? Mas também os pais dela já tinham falecido e tinha só um primo, que lhe acolheu conosco.

Mércia: Você tinha muitos irmãos?

Mariano: Não, tenho só um.

Mércia: Só um?

Mariano: Tenho só um irmão. Então fomos para a casa dos tios e crescemos lá e quando meu irmão estava na idade de ir pra escola a minha mãe fez todo o possível para que fosse a escola, porque o nosso primo também que tinha a mesma idade, ia pra escola.

E, mas quando chegou a minha vez, já não me mandou para a escola. Enfim não digo desculpas, mas justificações. Não tinha como mandar. Ter dois meninos na escola para ela era muito difícil. Então eu fiquei em casa, fiquei em casa e como tantos outros, como muitos outros, outras crianças também no bairro. Mas eu queria ir pra a escola. Então, passou um ano, no segundo ano ela sempre fazia promessa, quando eu puder você vai. Então, um dia eu resolvi ir pra escola por minha iniciativa própria, não é? Enganei-a que ia à casa da tia, não é, que ficava ao pé da escola e pronto, segui o meu irmão. Quando vi o meu amigo que ia pra escola, juntei-me a eles e fomos pra escola, não é? Então foi assim não é que eu comecei esse percurso que estou aqui hoje. Mas foi possível graças a um vizinho. Porque quando eu voltei pra casa a mãe queria ralhar-me... não é? E o vizinho veio e disse não deixe-lhe ir, ele quer ir para a escola, os colegas vão pra escola, certamente também vai querer ir, não é? Então ele certamente vai querer ir. Mas sabia que a minha mãe não me mandou pra escola porque não po-dia, não é.

Mércia: Sei.

Mariano: Se o meu pai estivesse vivo, certamente iria pra a escola.

Mércia: Interessante. Em que parte de Guiné-Bissau foi isso?

Mariano: É, como disse na Calequisse, é norte da Guiné-Bissau. É no norte.

Mércia: E em relação à capital onde é que fica?

Mariano: Fica no norte. Fica a uns/Cerca de 97 km ou 61 milhas, deixa ver, quarenta a cerca de oitenta quilômetros.

Mércia: E é uma cidade grande, pequena?

Mariano: Não, é uma vila. É uma vila.

Mércia: Uma vila?

Mariano: Um-hm. Fica uns 24km da cidade Cachungo, da cidade, da primeira cidade. A cidade mais próxima, não é? Que é Canchungo.

Mércia: Interessante.

Mariano: Devia ter trazido o mapa. Mas pode ver isso na internet, não é? Então eu comecei a estudar e quando terminei e tinha que continuar, mas quando terminei não havia estudo secundário na nossa vila. Pra eu continuar tinha que sair da vila. E eu tinha na altura onze anos, não é? Tive que deixar a mãe, o meu irmão já estava a estudar em Canchungo, não é? E tive que deixar a mãe para ir pra Bissau que é a capital. Não é. E foi a primeira vez que eu, enfim, saí de casa, ao pé da minha mãe, não é? E foi difícil no início, porque eu até não conhecia as pessoas onde fui morar em Bissau. Só um primo do meu pai que eu conhecia, e, mas os filhos, a família dele não conhecia.

Mércia: Mas você foi então foi para ficar com esse primo, com esses parentes?

Mariano: É, para ficar com o parente do meu pai. Foi assim que eu sobrevivi. Sobrevivi os primeiros momentos, não é, que foi muito difícil deixar a mãe e, pronto, e ir pra um lugar onde não se conhece ninguém. Também fiz amigos, aí a

vida começou a encaixar. A minha mãe começou a visitar, vinha visitar de vez em quando. E, pronto, cresci, tomei conta de mim mesmo. Não é? E em 98 deu-se a guerra, não é? Mas antes da guerra, eu quando terminei o liceu, não é? Voltei pra vila, não é? Daí levei o diploma e mostrei a mãe e ela me perguntou "o que é isso?", porque ela não sabe ler, não é? Então disse-lhe, explique-lhe a ela, pronto, ficou muito satisfeita, muito feliz.

E essa imagem fica em mim, não é, porque aquelas lágrimas que caíram do rosto dela, pra mim é algo que me motive, não é? E eu desde lá, deixei uma promessa, enfim, que um dia ia voltar a fazer a mãe sorrir, da mesma forma, não é? Mostrando-lhe mais um diploma do ensino superior, não é? Então, não tive oportunidade logo de sair porque na Guiné na altura, porque foi 1995 na altura não havia universidades na Guiné. Se quisesse continuar a estudar tinha que ir ao estrangeiro, não é? Tinha que conseguir uma bolsa, mas como o regime era muito corrupto, muito centralizado, não é, tudo era muito pouco para a cúpula que estava no poder. Controlavam tudo.

Então se você não tiver um parente que tenha uma boa posição no governo, não consegues bolsa, não é... ou então se tiver dinheiro podes, enfim, podes comprar, não é? Como diz, dá a alguém dinheiro para te ajudar. Mas como eu infelizmente como não tenho meios nem família que me ajudava fiquei lá, não é? E pensando no que eu poderia fazer, eu decidi voltar para a vila e ajudar também crianças, não é, como eu que não iam para a escola, não foram mandados para a escola. Como eu disse, naquele dia, as crianças neste país vão para a escola, não é, mas na Guiné há ainda crianças que devem ser mandadas pra escola, porque se você não manda seu filho para a escola, ele não vai, não é? Felizmente em 2004 ou seis o ensino primário tronou-se gratuito, mas antes não era gratuito, o que dificulta a ida das crianças pra escola. Porque se os pais não tiverem meios, não vão, não é? E eu não ia porque, se não fosse esse vizinho que veio dizer à mãe "não, deixe que eu

vou pagar para ele, vou comprar-lhe os materiais”, e estou muito grato ao meu primo, ao meu vizinho que, pra mim, é um segundo pai.

Mércia: Interessante. E você, na sua experiência vivendo aqui nos EUA, às vezes é muito comum quando as pessoas vêm de diferentes partes do mundo, quando as pessoas não sabem muito sobre da nossa cultura, não é? Eu sei que a Guiné-Bissau é um país de língua lusófona, um país pequeno, na África.

E você tem tido essa experiência de as pessoas talvez não saberem muito sobre o seu país, a sua cultura? Qual tem sido a sua experiência com isso?

Mariano: Bem, no início foi um choque, não é? Praticamente quando falava a alguém de onde eu sou, não tinham a mínima ideia onde está a Guiné-Bissau. Nunca ouviram falar da Guiné, não é?

Mas depois de/eu reparei que... pronto, é uma coisa de modo geral, não é? São poucas as pessoas que sabem, que conhecem os países da África, não é? Eles tratam todos como uma só, África, não é? Daí, também essa ignorância sobre a nossa cultura africana, que é muito diversa, não é? Eles todos, a maioria, não sabe, e pensa que os africanos são todos os mesmos, praticam a mesma cultura.

Mércia: Sim.

Mariano: Falam a mesma língua, mas, na verdade há milhões de dialetos em África, não é? Só no meu país, temos, tínhamos, não é, há alguns que já estão extintos, cerca de quarenta e oito grupos étnicos, não é? Quarenta e tantos e cada grupo falava a sua língua, não é? Agora, há uns que, pronto, acabaram por imigração, acabaram por se extinguir, ou então iam reger com as outras etnias e formar só uma, aquelas muito próximas. Etnias irmãs. Vamos dizer aquelas etnias que estavam muito próximas acabaram por emergir e nós, pronto, temos essa cultura rica, não é? Porque cada etnia pratica a sua própria tradição, os seus atos culturais, as cerimônias culturais, não é? Embora haja aquilo que a gente chama do

geral, que é praticado por todo o país, como por exemplo, o fanado, que é uma cerimônia tradicional muito importante para nós, não é, porque é ali que os homens aprendem aquilo que é ser o homem, um chefe de família, não é, como assumir a responsabilidade de ser homem dentro da família, não é? E, pra nós é muito importante.

Mércia: Como é que é esse? É um festival? É uma cerimônia?

Mariano: É uma cerimônia, mas é o fanado, não é? E o fanado você vai ficar numa, num lugar por dois a quatro meses, que para nós é sagrado. E as mulheres não vão, só os homens, não é? E aí você vai ser ensinado muita coisa sobre a tradição.

Mércia: Pelos mais velhos?

Mariano: Pelos mais velhos, não é? E, não temos nada escrito, não é, mas é transmitido tudo de forma oral. Por isso até hoje dizemos, quando um velho desaparece, não é, a gente diz que, a famosa frase que perdemos uma biblioteca, mas na realidade isso é a nossa riqueza cultural, os mais velhos são as nossas riquezas culturais, não é? Então, voltando para a pergunta, sim, há muita gente que, pronto, para além de não saberem de África, que a África é assim, não é, também vem dessa ignorância em termos culturais dos povos africanos, não é?

Mércia: Sim, bastante, não é? E, fale um pouco mais. Eu tenho uma curiosidade para saber um pouco sobre o uso da língua portuguesa e a presença das outras línguas, eu quero dizer nativas, tradicionais da Guiné-Bissau. O que é que se fala mais nas cidades, no interior, na capital? Eu queria que você falasse um pouco mais sobre o uso da língua, a aprendizagem, essas coisas.

Mariano: Bem, eu começo pela minha vila. Se você for para a minha vila, na minha vila o que se fala mais é a nossa língua, não é, é o nosso dialeto, que é o manjaco. Eu sou da etnia manjaca, então a gente fala manjaco, não é? E, para onde você for, mesmo os que migraram, as outras etnias que migraram, as outras etnias que imigraram para a nossa zona – porque no tempo colo-

nial havia um posto comercial em Calequisse e muitos imigraram para Calequisse, não é. Muitas etnias acabaram por se integrar, aprendendo a nossa cultura, absorvendo a nossa cultura, mas também aprendendo a nossa língua. Então, praticamente para onde você for, tem que falar manjaco.

As pessoas de fora têm que falar manjaco para poder ser entendido pelo pessoal. Se você sair de Calequisse e for para Canchungo, que é já a cidade, aí já começa a maior diversidade, não é? E ali o crioulo é o mais predominante, que é a nossa língua nacional. Não é que as pessoas não falem crioulo na Calequisse, mas comunicam mais na língua manjaco, não é? Mas nos grandes centros urbanos, o crioulo já é, pronto, o mais predominante, porque é a língua que a gente usa para se comunicar em todo território nacional. Para onde você for, tem que falar crioulo, porque se não sabes a língua local, tens que falar o crioulo para se entender com o pessoal.

E devo dizer que é a língua mais falada, porque, como disse, todas as etnias falam crioulo, não é? Mas há situações em que as pessoas nas vilas nem sabe falar crioulo ou falam muito mal o crioulo, não é, que é a língua nacional. Por quê? Porque não têm muito contato com o crioulo, enfim, com o crioulo, com os centros urbanos.

Digamos assim, uma pessoa nasce numa zona onde se fala só a língua local e não teve contato com uma zona urbana, então nunca vai aprender, embora seja uma pequeníssima parte da população. Mas hoje em dia, com a expansão do ensino, isso já está, enfim, a mudar, a diminuir não é, e relativamente o português. Você só fala o português se for para a escola. Você só aprende o português, só se for para a escola.

Mércia: Eu ia perguntar, então, você falou no início sobre a escola. Eu ia perguntar se essas outras línguas são ensinadas na escola também ou apenas o português.

Mariano: Só o português. O português é a língua oficial.

Mércia: E a língua de ensino, tanto a língua que é ensinada para escrever, como é a língua

que é ensinada para ensinar?

Mariano: Sim, sim.

Mércia: É mesmo?

Mariano: Mas há situações em que o professor usa a língua nacional, que é o crioulo, para se comunicar, para se fazer entender. Imagine crianças que vieram da minha vila. Por exemplo, eu me recordo quando eu comecei a estudar, a professora, a minha professora falava o crioulo muitas vezes, não é? Porque nós nem falávamos o crioulo bem, nem entendíamos o crioulo bem, não é? E há essa necessidade de se comunicar. Então, o professor recorre muitas vezes à língua que os alunos entendem.

Mércia: E quando você diz que, eu notei que você disse que as pessoas falam mal o crioulo. Como você percebe, como alguém sabe que aquele é o crioulo bem falado em oposição ao crioulo mal falado? Como é que se mede isso?

Mariano: Bem, pela própria dificuldade em se expressar, não é? A fluência na língua. Você repara que essa pessoa tem dificuldade, não é, ou não sabe usar o crioulo bem, não é? Mas também como disse, há uma diversidade cultural enorme e são muitos dialetos, não é, e há esse sotaque regional.

Por exemplo, os fulas falam com um sotaque diferente, não é? O sotaque dos fulas é diferente do sotaque dos mandigas ou dos pepeis, porque o crioulo é a segunda língua que a gente aprende, às vezes até não é a segunda, passa a ser a terceira, quarta, quinta língua, porque você tem vizinhos de outras etnias e aprende a língua deles, não é?

Por exemplo, no meu caso, eu aprendi primeiro o manjaco, não é, e depois aprendi o crioulo. Mas há gente que aprende outros dialetos antes de aprender um crioulo. E como disse, a dificuldade quando você não conhece bem a língua sempre tem dificuldade, não é, em se exprimir. Isso se nota quando a gente sai das vilas, não é, onde não costuma falar crioulo e vem para a cidade, quando vêm para a cidade, têm essa dificuldade

de se exprimir, porque não usam a língua no seu cotidiano, não é, para se comunicar.

Mércia: Interessante isso. É, me fale um pouco também/do ponto de vista histórico, quais são os eventos da história de Guiné-Bissau que são sempre presentes na memória do povo, que sejam comemorados em feriados nacionais? Há algum grande evento que é sempre marcado no calendário?

Mariano: Há muitos, não é? A nossa maior celebração é a independência nacional. Diria mesmo que a luta nacional é algo que nós vemos com muito orgulho, não é? Porque foi conquistado com muito suor, não é, e são muitos combatentes que se tombaram pelo caminho, não é, e nós celebramos a sua conquista, não é, com muita pompa e circunstância. Como deve saber, Amílcar Cabral é um deles, não é, que é o pai da nossa nacionalidade e é a nossa referência máxima. A classe intelectual da Guiné revê nele e nós os mais novos, as crianças, todos nos revemos no Cabral. E havia pioneiros, não é? Por exemplo, eu fui pioneiro, diziam pioneiros do Abel Jaci, e a ideia era ensinar às crianças, não é, o ideal de Cabral, o que é que Cabral pensava para eles. E para nós/é o ponto máximo da nossa história contemporânea. Mas também, os outros eventos mais recentes, para não ir mais longe é a conquista do nosso território em termos de domínio colonial, porque isso não aconteceu até 1936 não é? Fala-se do domínio colonial em África e sobretudo na Guiné, mas a Guiné é o último colono que foi dominado pelos portugueses a nível nacional, não é, porque (ilhas Bijagós só foram conquistadas em 1936) até 1936 só se foi conquistado todo território nacional em 36, porque havia sempre essa resistência e os portugueses não conseguiram dominar todo o povo da Guiné e nós também celebramos não é, essa bravura dos nossos avós que não se deixaram dominar até 1996, 36 eu diria e em 63 começou a luta armada e tudo isso. E juntando com a luta da libertação nacional, penso que foram os eventos mais marcantes da história mais recente da Guiné.

Mércia: Desculpe. Quando você diz que em 1936 os portugueses conquistaram o território, o que é que isso significa de fato?

Mariano: Bem, significa que nós sempre fomos, protegemos a nós mesmos, não é? Porque na Guiné há poder tradicional, sempre houve uma autoridade tradicional, uma autoridade respeitada, uma autoridade que as pessoas procuram para se satisfazerem da justiça, por exemplo, e esse poder tradicional é preservado até hoje, para nós é muito importante. Para nós, apesar de haver um estado, há também esse poder local, e esse poder tradicional era estado e na altura os portugueses procuram obter a colaboração do régulo. E se esse não aceitasse, então tentavam destruí-lo. Conseguiram conquistar alguns régulos, mas depois de muitos anos de batalha. A parte continental do país foi pacificado em 1915, mas não foram capazes de pacificar as ilhas até 1936, apesar de várias tentativas com uso até de comandos africanos. Na verdade, a conquista, tanto o continente como as ilhas, só foram possíveis graças aos comandos africanos. A partir desta data, todo o país estava sob o domínio dos portugueses. E aí usaram do poder para impor aos guineenses a sua cultura e o modo de vida. Por exemplo, eu sou Gomes, por exemplo, os meus avós não têm Gomes. Então, mudaram os nossos nomes, e era obrigatório e, mas há alguns que resistiram, que resistiram, não aceitaram a mudança dos nomes. Mudaram os nomes, mudaram apelidos, não é, e pronto, muitos tornaram-se cristãos, católicos sobretudo e tudo isso era aquilo que os portugueses chamavam a "civilização".

Para se ser civilizado, tinhas que ter um nome português, apelido português, não é, ser católico e depois ir para a escola. Mas havia uma certa discriminação, eu diria, não é, no ensino colonial, porque havia um ensino que era, pronto, dos civilizados que eram filhos dos portugueses ou alguns cabo-verdianos, não é, que estavam na Guiné. E havia também o outro ensino que era rudimentar, o ensino para o não civilizado, não é, o ensino que era praticamente, enfim, de muita pobre qualidade, não é.

Mércia: Eu ia perguntar/eu comecei a pen-

sar na questão da escravidão. Sim, há, houve na Guiné-Bissau também uma história também de escravidão? Porque quando nós aprendemos no Brasil sobre a escravidão, nós aprendemos que vieram os africanos de várias partes do continente africano, muitos que foram ao Brasil pertenciam a essa etnia.

Mariano: Manjaca, não é?

Mércia: Como?

Mariano: Manjaca.

Mércia: Uh-hm. E Mandinga?

Mariano: Mandinga, manjaca, a balanta, a mancanha a pepel.

Mércia: Eu acho que eu que já ouvi muito sobre a presença dos mandigas também. E eu queria saber se há na memória nacional popular alguma estória disso, desse grande êxodo, que ocorreu, que era em relação se havia, se há, na memória coletiva, alguma história ou alguma memória disso, não é, dessa história dessa transição, da questão da transição.

Mariano: Sim, se fala muito de batalhas que os portugueses enfrentaram, não é? E se fala muito do Infale Sonco. que era um régulo dos Mansocos, não é, como disse, desse poder tradicional, que derrotou os portugueses muitas vezes, não é? Para se proteger, para proteger o seu reinado, o seu território, não é. Mas, eu penso que não se fala muito da escravatura pela sua conotação negativa, do impacto negativo que teve nas nossas populações.

Nós sabemos que houve muitos séculos do trabalho forçado, da escravatura, da exportação de pessoas como bens, não é? E o ponto fulcral era em Cacheu, não é? Por isso, eu estava a falar de manjacos, não é, porque o norte da Guiné onde, porto, o centro comercial, o primeiro centro comercial foi criado é na zona dos manjacos, não é, embora não foram dominados manjacos, fulupes, balantas, macanhas e pepéis imediatamente, do que sei penso que são aqueles que mais sofreram com a escravatura, não é? Pela proximidade do local onde se exportavam as pessoas, não é? Mas tam-

bém foram os grupos que mais deram aos portugueses a luta, porque, por exemplo, tiveram, teve um incidente que se chama, creio que é Desastre do Bolor, não é, onde os portugueses perderam tudo, exceto três pessoas, que escaparam em tentativas de conquistar o território dos fulupes, não é. E houve uma catástrofe e eles saíram de lá e nunca mais voltaram até o século seguinte, não é.

Creio que não se fala da escravatura pela sua conotação e impacto negativo que teve nos nossos avós. por exemplo, eu nunca ouvi falar, não é, a não ser ler este livro, aquele artigo, não é, na escola. Eu nunca ouvi falar na escola de alguma coisa relativamente à escravidão, por exemplo, a exportação das pessoas como bens, não é? Mas eu sei que, por exemplo, ocorreu na cidade de Cacheu, que tem porto, um dos centros comerciais na altura e mais tarde em Bissau, e mesmo depois da proibição da escravatura a nível internacional, os portugueses continuaram a exportar as pessoas para o Brasil. E houve uma empresa em Maranhão e Paraná, não é, que assinou um contrato com o governo português na altura, para assumirem/ eles é que tinham o direito, não é, o direito de levar escravos para o Brasil, porque havia uma necessidade da mão de obra nas plantações naquela zona. Se não me falha é Maranhão e Paraná, Pará parece.

Mércia: Poderia ser Pará?

Mariano: Poderia ser Pará.

Mércia: Em que época? Durante a colonização?

Mariano: Durante a colonização, e já nos finais do século XIX. E em troca disso, essa empresa construiu uma fortaleza na Guiné-Bissau. Mas Bissau, que é a capital do país, não é/construíram a fortaleza que era para defender o território para o império português. Mas também, nesse lugar era onde eles guardavam os escravos, esperavam a sua exportação, não é. E essa fortaleza para nós hoje é um símbolo do poder nacional. É ali que está guardado/É o maior, é ali o quartel general das forças armadas de Guiné-Bissau e é ali que

estão guardados os restos mortais de Amílcar Cabral. E mais recentemente/ainda esta semana o antigo presidente da Guiné-Bissau faleceu e foi se sepultar também ali.

Mércia: Interessante. Agora, eu queria que você me contasse um pouco sobre como é a relação de Guiné-Bissau com os outros países de língua portuguesa no continente.

Mariano: Um-hm. Eu penso que as relações históricas da Guiné-Bissau mais vivas e mais calorosas são com os angolanos.

Mércia: Sim? Por que é que você acha?

Mariano: É com os angolanos, porque a relação, tudo começou com/na casa do império em Portugal, não é, a casa dos estudantes africanos onde Amílcar Cabral, Agostinho Neto de Angola, Marcelino dos Santos, de Moçambique entre outros, não é. Então havia essa relação pessoal entre o Amílcar e o Agostinho Neto, que é considerado também o pai da nacionalidade angolana. Então, o Amílcar quando terminou os estudos, ele foi trabalhar em Angola, não é, mas depois voltou para Guiné. Voltou para Guiné, depois os portugueses estavam persegui-lo e fugiu, não é, fugiu e voltou para Angola. Quando voltou para Angola, participou na fundação do MPLA, que é o partido libertador da Angola. O Cabral foi um dos fundadores desse partido. E quando começou a luta, porque a luta começou em Angola foi a primeira colônia que pegou em armas, não é, e ele ajudou ele participou, mas ele também voltou para a Guiné que é para poder, enfim, começar o processo de descolonização do território, não é, da Guiné e Cabo Verde. Não foi possível por via diplomática, ele optou pela via armada, porque parece ser a última alternativa, não é, e havia uma preocupação, havia uma associação entre Guiné-Bissau, Moçambique, Guiné e Angola, eles coordenavam as suas ações mesmo a nível internacional. O Amílcar era quem coordenava e liderava a diplomacia perante as instituições internacionais, então houve sempre uma aproximação, não é, imensa entre os três povos, mas depois de nós ganharmos a independência

os militares e paramilitares guineenses foram enviados para Angola para lutar ao lado do povo angolano e conter as investidas da UNITA que lutava pelo o poder. Porque havia três partidos, a UNITA, o MFLA e o MPLA, eles disputavam quem é que vai, enfim, governar ou então dar independência ao país. e foi graças à Guiné-Bissau, com ajuda de Guiné-Bissau que o MPLA conseguiu, portanto, assumir-se como protagonista maior... porque houve um conflito entre as partes e havia um número muito significativo de tropas guineenses, durante os últimos anos da luta, mas também onde estava em causa a disputa da liderança do país... e foi a Guiné que facilitou, não é, a aterragem dos aviões de Guerra que saíram de Cuba para ir a Angola, para auxiliar Angola, o MPLA.

Porque, por exemplo, a FNLA era apoiada pelo Zaire, e a Unita era apoiada pelos sul-africanos, então a MPLA tinha só o apoio da Guiné e depois Cuba, mas Cuba para chegar em Angola precisava se abastecer em algum sítio. Cabo Verde rejeitou facilitar-lhes alguma escala e a Guiné Bissau, enfim, aceitou. Então, esse gesto, não é para com o irmão que estava em muita necessidade e isso é reconhecido pelo povo angolano, sobretudo o partido que libertador da Angola, o MPLA. Há uma amizade muito forte entre esses dois partidos, o PAIGC na Guiné Bissau e o MPLA em Angola.

Por isso que a Angola tem muito interesse em investir na Guiné Bissau. Eles estavam a ajudar na reforma das forças armadas, mas houve um mal entendido que culminou com o golpe, não é, em 2012. Mas há um forte interesse dos angolanos em investir no país. Eles vão, portanto, investir segundo aquilo que já está aprovado até hoje, cerca de 600 milhões de dólares na Guiné-Bissau para construir um porto de águas profundas e exploração também do bauxite em Farim.

Mércia: Interessante. Gostaria que você me contasse um pouco sobre quais são os maiores desafios que a Guiné-Bissau enfrenta.

Mariano: Eu penso que o maior desafio é aquilo que eu chamo de paz social. Houve a pacificação do país depois da guerra civil de 1998, mas não tem paz social na Guiné-Bissau

hoje, mas tudo isso é devido a instabilidade política. A instabilidade política traz consigo tudo. A instabilidade política ... a social também, porque como falava naquele dia, quem é que aguenta trabalhar quatro semanas sem ganhar salário? Isso é uma penúria que ainda muita gente se en-contra na Guiné-Bissau. Eu penso que enquanto não houver uma estabilidade governativa na Guiné-Bissau, não teremos a paz socioeconômica; sem estabilidade política no país, não haverá paz social. Mas para isso temos que conseguir fazer a reforma das forças armadas; torná-las em força republicanas, porque o Amílcar dizia que não somos militares, nós somos milícias armados e queremos conquistar a nossa independência. Depois de conquistarmos a nossa independência quem era carpinteiro vai ser criada as condições para ele poder continuar suas atividades profissionais. Quem era lavrador, quem era tecelão, quem era isto e aquilo haverá condições para cada um continuar a sua atividades profissionais e gozando do seu estatuto de antigo combatente.

Mas esse ideal desapareceu depois da morte do Amílcar Cabral eu penso que temos de ir rever a história e procurar inspirar-se nesses ideais para podermos de fato libertar o povo da Guiné-Bissau dessa situação, porque os militares é que mandam no país. A Guiné-Bissau sempre foi dirigido por um regime militar. O regime militar que veio da luta governou o país até 94 quando houve as primeiras eleições democráticas no país, mas quem ganhou essas eleições foi quem estava no poder antes, que era um militar e esse regime militar continuou no país. Veio, portanto, uma outra eleição depois do conflito de 98 e esse militar, esse regime militar continuou a predominar os civis que tinham o poder não estavam à vontade, tinham que se submeter aos militares e até hoje estamos nessa situação. Houve tantos golpes militares, um atrás do outro. E nenhum país do mundo consegue se desenvolver com tanta instabilidade. Não é por acaso que, hoje em dia, a Guiné está numa situação... porque, quem é que vai investir num país que não sabe se amanhã vai acordar com os tiros no ar? Mas eu penso que para nós podermos de fato progredir terá

que haver uma estabilidade, porque na Guiné temos muitos recursos naturais, muita comida, não necessitamos de ajuda, nem emigrar, e eu nem precisava de estar aqui hoje a falar consigo. Bastávamos, no entanto, sentarmos numa mesa e nos entendermos, os militares submeterem-se ao poder civil e, portanto, podermos também explorar os nossos recursos naturais. E esses recursos naturais que sejam, como eu digo, os interesses da Guiné-Bissau, é a soma, o somatório dos interesses de todos os guineenses; que os recursos que temos sejam distribuídos de uma forma equitativa entre todos os cidadãos, não é?

Mércia: E para/nós teríamos, parece que nós teríamos uma conversa para muitas horas. Tão interessante. E eu sempre fico pensando no que mais. E eu queria saber quando você pensa na Guiné depois/Faz quanto tempo que você está aqui nos Estados Unidos?

Mariano: Eu estou aqui há cinco anos.

Mércia: E você volta com frequência?

Mariano: Só voltei uma vez. Agora, vou no verão.

Mércia: Vai no verão. Vai ficar por quanto tempo?

Mariano: Em princípio, 45 dias.

Mércia: Uh-hm. E quando você pensa no seu país, qual é a coisa de que você tem mais saudade, qual é a memória que lhe causa mais nostalgia?

Mariano: Eu penso que o que eu sinto mais falta é a essa proximidade do irmão, não é, que você tem onde ir, por onde você for na Guiné-Bissau sente a presença calorosa de uma pessoa amiga, que nem você conhecia. Mas a partir do momento em que tiverem contato, passa a ser um irmão, um amigo.

Eu penso que sinto muito, muita falta disso aqui, porque aqui é tudo diferente e nós somos um povo muito hospitaleiro, muito próximo um ou outro. Por exemplo, na Guiné se um vizinho não tiver a comida, o outro vizinho dá comida aos

filhos e eu penso que tudo isso para mim é algo que às vezes sinto muita, muita falta, muita nostalgia. e lembrar também que há muitos amigos aí não é que com quem podia estar a conversar a discutir as coisas da sociedade etc. Então também sinto muito a falta disso, porque sempre fui muito ativo. Vivi em Cabo Verde talvez a gente possa falar sobre isso num outro dia, onde participei, aliás fui eu que saí com a iniciativa de criar a associação para defender os direitos humanos e também ajudar na integração socioeconômica dos que se refugiaram em Cabo Verde no conflito armado em 98.

E participei de uma forma ativa durante a/na minha estadia ali na comunidade ajudei também as pessoas a se integrarem melhor na sociedade. Então e sempre que tiver oportunidade de voltar à Guiné procuro comer muita fruta, muita manga, porque aqui, aqui o sabor, tudo é muito diferente. Eu procuro beber o suco de caju, que é natural e saboroso. Mas eu penso que fundamentalmente, você sente muita falta da família, e para mim a família e todos aqueles que são próximos.

Mércia: Claro. Muito interessante. E uma última coisa como é que os guineenses percebem Portugal e o Brasil?

Mariano: Bem, Portugal é, para nós continua a ser, um país amigo, embora haja atritos que nunca vão desaparecer. Um pequeno incidente entre Guiné e Portugal ganha proporções que, talvez com outros, se fosse outros países não chegava a essas proporções. E eu penso que há sempre esse mal estar entre um guineense e um português a nível de um estado, não sei não sei explicar isso. Parece que o legado colonial ainda pesa nas nossas relações com Portugal. Porque sabe que nós declaramos a nossa independência a ... nós mesmos... e não sei se isso que não se assenta bem ao português, mas eu creio que Portugal tem sido um parceiro fundamental, tem sido um bom parceiro bilateral da Guiné Bissau. Mesmo o Cabral dizia que nós não estamos a lutar contra os portugueses, nós estamos a lutar contra o colonialismo português. Pois é isso, o povo português é um povo irmão. É um povo com quem devemos ter boas relações. Até' porque existe relação sanguínea entre Portugal e a Guiné.

Eu penso que a nossa relação com Portugal é

mais positiva do que negativa se pudermos colocá-la assim.

Eu penso que relativamente ao Brasil, o Brasil é o país, foi um dos países que ajudou a Guiné-Bissau, nas últimas décadas. Muitos guineenses foram formar-se no Brasil. Como sabe, deve saber, nós não tínhamos muitos quadros depois da independência, mas o Brasil foi um dos primeiros países que reconheceram a independência da Guiné-Bissau e isso também é muito importante. Porque se nós não tivéssemos esse cunho que vem de um país colonizado por Portugal talvez seria muito difícil para a Guiné dar os passos que deu no início, isso com muito carinho, não é? Por parte do povo brasileiro também, não é?

E hoje em dia o Brasil é o maior destino dos estudantes guineenses. Eu creio que primeiro o Brasil e depois Senegal. Há um convênio que foi assinado entre os dois países e eu estou, eu estou aqui a falar consigo, não fui diretamente beneficiado por esse convênio, mas tenho muitos primos que foram estudar no Brasil e que agora estão na Guiné-Bissau a dar a sua contribuição para o desenvolvimento do país. Então, para nós isso também é muito importante.

Mércia: Mariano, eu quero agradecer a você por quase uma hora.

BYE BYE BRASIL E A CULTURA MAMBEMBE

ROSS KARLAN

Homens estranhos, mulheres lindas, mágicos, animais, música, fogo e espadas. Estes são os objetos e pessoas que se associam a um grupo mambembe ou ao circo. Um grupo mambembe é um grupo teatral que viaja de um lugar para outro, e é usualmente associado com o circo ou com grupos musicais. O mambembe pode ser um grupo pequeno com alguns artistas, ou pode ser um espetáculo extraordinário, mas qualquer tipo de grupo que seja, a cultura mambembe tem uma história extensa pelo mundo inteiro e a estética do mambembe é comum em vários países e várias culturas.

Um filme no qual a cultura mambembe tem um papel muito importante é o clássico *Bye Bye Brasil* (1979), do diretor brasileiro Carlos Diegues. O filme, que trata de um grupo mambembe chamado a Caravana Rolidei, mostra a vida dos artistas do grupo enquanto atravessam o Brasil. Mas, a decisão de Diegues de focar neste estilo de grupo e entretenimento tem várias implicações. A cultura mambembe e do circo não é só uma parte da história cultural do país, também as suas várias partes são usadas por Diegues como uma maneira de legitimar o Brasil no contexto cultural internacional e formar a base de uma crítica da sociedade no filme.

O mambembe tem as suas raízes nos tempos medievais, nos quais os menestréis viajavam e tocavam música em cidades diferentes. Mas, na época moderna, a cultura mambembe tornou-se mais popular como um espetáculo público. A estética mambembe tem muitas divisões internacionais que incluem o burlesco britânico e o vaudeville e humbug norte americano. Figuras como P.T. Barnum, o dono de um circo mambembe em Connecticut nos Estados Unidos, exemplificam a cultura mambembe com os seus shows nos quais havia dois tipos de

exibição: as “curiosidades viventes” e o humbug.

As curiosidades viventes, como o grande exemplo Tom Thumb, eram pessoas deformadas que Barnum utilizou para vender bilhetes. Os humbugs cumpriram o mesmo objetivo para Barnum, mas os humbugs eram coisas impossíveis criadas por Barnum; eram fraude. Talvez o exemplo mais importante seja a sereia de Feejee, um espécime que era metade peixe e metade macaco. Barnum e o seu circo de humbugs e curiosidades viajavam pelo país para entreter pessoas e convencê-las de que o impossível é possível, embaçando a divisão entre a realidade e a ficção¹. Outros aspectos muito importantes de um grupo mambembe são a mágica, que também embaça a linha entre a realidade e o imaginário, e a música. Usualmente, os grupos tinham artistas de música que acompanhavam os atos do circo.

Mas ainda que os Estados Unidos sejam o exemplo mais famoso da cultura mambembe, não é o único país com este tipo de entretenimento. A cultura mambembe teve uma presença bem grande no Brasil e esta presença tem muita influência no filme *Bye Bye Brasil*. Carlos Diegues, por exemplo, lembra que quando era criança assistia aos shows dos grupos mambembes que foram para a sua cidade de Maceió, Alagoas. Segundo Diegues, os personagens, especialmente Lorde Cigano e Salomé, eram baseados em pessoas reais. Também, o personagem Zé da Luz, o projetor de filmes, tem as suas raízes na vida real, porque neste tempo a indústria do cinema ganhava mais popularidade. Mas, pode-se supor que Diegues não estava sozinho com estas memórias do circo, porque estes tipos de entretenimento eram “espetáculos comuns nas aldeias pequenas no interior e nos subúrbios das cidades na costa.”²

¹ James W. Cook, *The Arts of Deception: Playing with Fraud in the Age of Barnum* (Cambridge: Harvard University Press, 2001), 17.

² Stephanie Dennison and Lisa Shaw, *Popular Cinema in Brazil* (Manchester: Manchester University Press, 2004), 188.

A cultura mambembe, embora seja inspiração, também tem um papel significativo no filme. Uma das cenas mais importantes do filme acontece no início, quando a Caravana Rolidei chega à vila de Piranhas. Durante o seu primeiro show, Lorde Cigano fala com a pequena audiência, dizendo que ele, como o Mestre dos Sonhos, pode conceder o desejo do Brasil todo. Quando um homem acha que este desejo é “muita fartura e progresso” e outro “ser eterno,” Lorde Cigano responde que não é nenhuma destas duas opções e que não importa quanto poder um mágico tenha, não se pode dominar a morte. Para Lorde Cigano, o grande desejo brasileiro é a neve e depois de um momentinho, começa a nevar e toca-se a canção “White Christmas.” A audiência não pode crer que está nevando no sertão do Brasil e Lorde Cigano afirma que neva no Brasil, no sertão, como “na Suíça, Alemanha, la France, na velha Inglaterra... como na Europa em geral e nos Estados Unidos da América do Norte, agora, como todos os países civilizados do mundo, o Brasil também tem neve.”³

A mágica é um aspecto da cultura mambembe e carnavalesca muito importante na vida real e no filme. Nesta cena, a mágica é uma forma de pôr o Brasil no mapa com os países mais “civilizados.” A neve não é algo que usualmente se associa com o desenvolvimento de um país, mas segundo Lorde Cigano, é algo que todos os países do primeiro mundo têm em comum. Lorde Cigano utiliza a mágica para criar uma comparação entre o Brasil e os Estados Unidos ou os países europeus. O Brasil agora não está preso no seu passado colonial, porque tem essa semelhança com as nações colonizadoras e o povo das vilas deve considerar-se mais desenvolvido do que na realidade é.

Um outro aspecto da Caravana Rolidei e o seu show mambembe é a dança de Salomé. Justamente depois da mágica de Lorde Cigano, Salomé, a Rainha da Rumba e a sensação internacional, começa a dançar. Quando ela é apresentada no início do filme quando o grupo chega a Piranhas, Lorde Cigano diz que ela é uma beleza internacional do

Caribe e que foi a amante do presidente dos Estados Unidos em algum tempo. Mas, nós sabemos que ela não é caribenha, que é brasileira, e que é muito improvável que tenha sido amante do presidente dos Estados Unidos. Mas, ter uma dançarina exótica e internacional muda o conceito do exótico do Brasil para um outro lugar. Com a figura de Carmen Miranda, por exemplo, o “exótico” era associado com o Brasil. Mas agora, com Salomé, o Caribe e a América do Norte são o exótico. Esta mudança tira a identificação colonial do Brasil como o “outro” e desloca esta classificação para os países que a puseram no Brasil originalmente.

Talvez o conflito mais forte no filme seja o conflito do entretenimento do passado e a tecnologia do futuro? Há no filme dois exemplos deste conflito: o cinema de Zé da Luz e a chegada da televisão no interior do Brasil. Primeiro, quando Lorde Cigano conhece Zé da Luz, eles falam das experiências de Zé. Ele viajou pelo país como um projetor de cinema e comenta que os filmes eram espetáculos e novidades para o povo. Para essas pessoas, os filmes eram parte do Cinema de Atrações, uma ideia apresentada por Tom Gunning, na qual o próprio filme e a tecnologia do cinema eram a atração, não a narrativa que o filme apresentava.⁴ Mas, Zé da Luz conta que nas cidades, a novidade do cinema desapareceu e as pessoas não tinham o mesmo sentimento de espetáculo. Agora, Zé da Luz tem que mostrar os filmes nas vilas pequenas do interior, onde o fenômeno ainda causa aquele assombro. O conflito aqui é um que veio com as mudanças tecnológicas e quando o cinema tornou-se uma forma de entretenimento popular, o cinema que era parte da cultura mambembe perdeu o seu valor.

Ademais, a frustração de Zé da Luz é algo que Lorde Cigano experimenta também. A cultura mambembe está transformando-se em algo que o povo não quer agora e a culpa é a chegada da televisão na zona Amazônica e no nordeste. O circo é algo do passado agora, uma forma de entretenimento antiga que não pode competir com a novidade da televisão.

³ Carlos Diegues, Director, *Bye Bye Brasil*, 1979.

⁴ Tom Gunning, “Cinema of Attractions,” in *Critical Visions in Film theory*, ed. Timothy Corrigan, Patricia White, Meta Mazaj (Boston: Bedford/St. Martin’s, 2011), 71-2.

Como diz o teórico Robert Stam, a Caravana Rolidei observa a modernização do país pela televisão, que destrói a diversidade regional e torna obsoletas as práticas tradicionais da Caravana.⁵ Com esta ideia há uma forte crítica de Diegues no filme, porque marca a dicotomia entre o Brasil antigo e a cultura do futuro. O desenvolvimento tecnológico, ainda que tenha as suas vantagens, também propõe a ameaça de esquecer a cultura na qual um país como o Brasil está baseado.

A cultura mambembe, que tem uma história extensa no mundo, tem uma importância muito especial no Brasil. Como parte da cultura popular

por muito tempo, o filme *Bye Bye Brasil* mostra os vários aspectos desta forma de entretenimento. O grupo mambembe ou o circo tem o poder de elevar o Brasil ao nível da cultura internacional. A mágica que Lorde Cigano faz e a figura de Salomé criticam a ideia do Brasil como um país do terceiro mundo. Mas, com a chegada da tecnologia no Brasil, vemos que a cultura mambembe vai desaparecer e ser substituída por outros tipos de cultura, como os filmes populares e a televisão. Com estas ideias, o filme *Bye Bye Brasil* expressa uma luta cultural para Diegues: o seu otimismo pelo futuro contaminado pela sua nostalgia da tradição.



PHOTO BY MARIA V. PAREDES

⁵ Robert Stam and Ismail Xavier, "Recent Brazilian Cinema: Allegory/Metacinema/Carnival," *Film Quarterly* 41, no. 3 (1988), 26.

SENSAÇÕES DA ESCRAVIDÃO

RACHAEL PASIEROWSKA

Um grito de carnaval,
Brilhos de cores: amarelo-canário, vermelho-sangue e verde-esmeralda,
O toque dum vento cálido; quase acaricia,
Odores da mandioca condimentada ligeiramente com pimenta-malagueta,
Queimam a língua.

Um grito de guerra,
Brilhos de luzes: aparências escuras emergem do ermo, armadas,
O medo sobe à nuca; quase sufocante,
Odores da pólvora enchem minhas narinas,
A chuva umedece os lábios.

Um grito de chicote,
Brilhos das luas, brilhos dos sóis,
O peso da algema em volta do pescoço; quase asfixiante,
Odores das feridas abertas supuram,
Uma lágrima salga a língua.

Um grito num idioma de um espírito,
Brilhos de fantasmas pálidos cavalgam uma besta feroz,
Uma guinada distorce o estômago; quase paralisante,
Odores da brancura, dos estranhos,
A aridez na boca, uma sede.
Um grito de nascimento, uma nova vida entra num mundo dos mortos,
A escuridão. O que é o dia, o que era o dia?
Uma fome de cão; quase delirante,
O odor da morte,
O sabor da morte ao fundo da garganta.

Surdez.
Cegueira.
Entorpecimento.
O odor da morte.
O sabor da água nos lábios. Minhas sensações são acordadas.

O grito dum leiloeiro,
Brilhos de luzes,
O sol na minha pele; quase causticante,
O odor da ganância,
O sabor da escravidão nos lábios, na boca, na garganta.



PHOTO BY MARIA V. PAREDES

